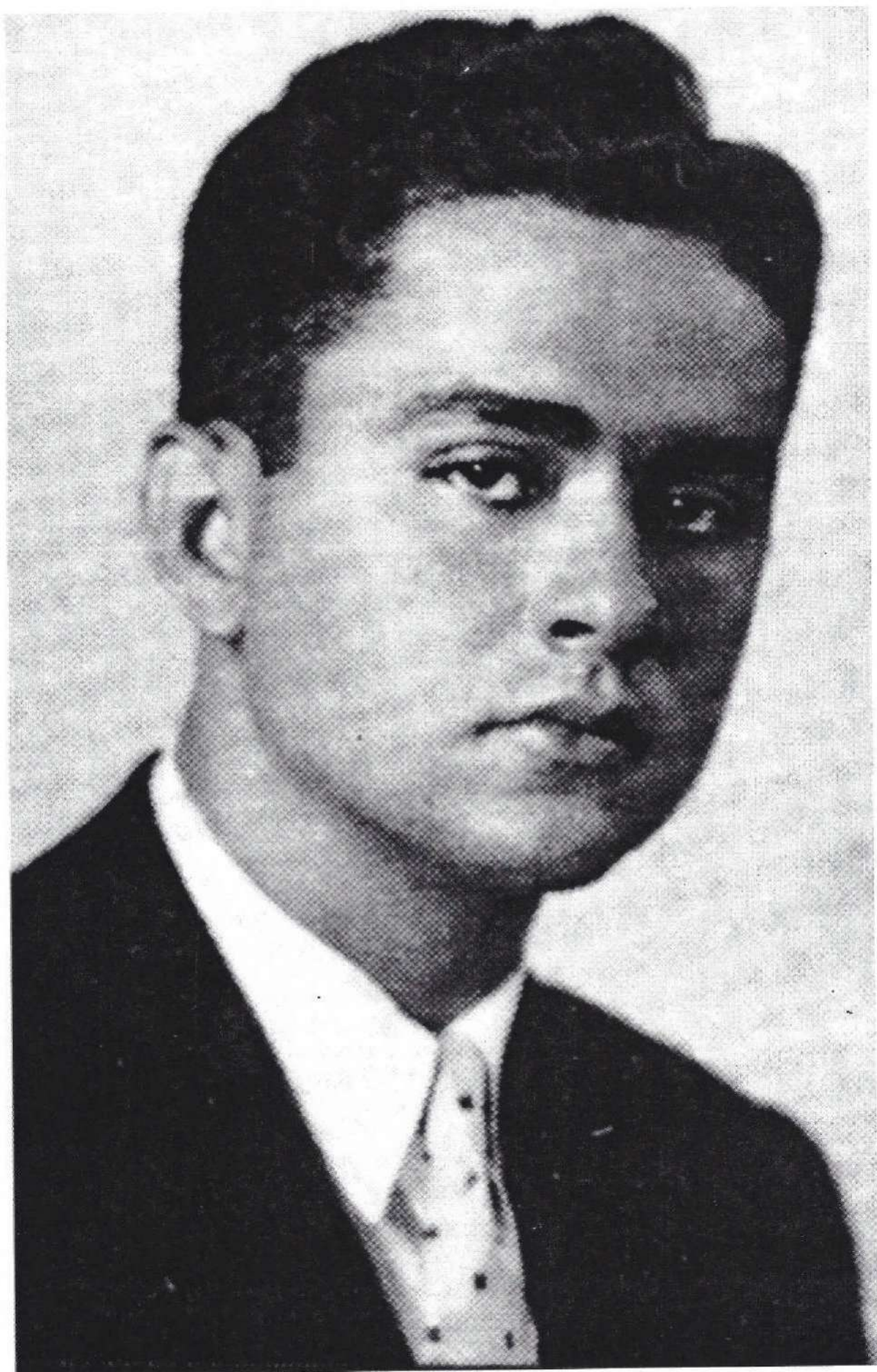






QUEM FOI E O QUE FEZ
MÁRIO FAUSTINO¹
(UM POETA E SEU MUNDO)

Albeniza de Carvalho e Chaves
Mestre em Teoria Literária, UFPa



¹ Introdução da obra *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Gráfica e ed. UFPa, 1986.





Novembro de 1962.

Na madrugada do dia 27, o Boeing 707 – PPVJB, da VARIG, decolado do Galeão às 03:35' que deveria chegar a Lima às 05:00 horas, explodiu no ar causando a morte de todos os seus tripulantes e passageiros, num total de 97 pessoas.

As buscas logo promovidas por avião da Força Aérea Peruana atestaram sua queda nos Andes, em Cerro de Las Cruces, entre Otocotongo e Ciudad de Dios, a 32 quilômetros do sul de Lima, perto das ruínas de Pachacamac. Nenhum sinal de vida no aparelho destruído.

Entre seus passageiros, encontrava-se Mário Faustino, que se dirigia ao exterior a fim de escrever, para o Jornal do Brasil, uma série de reportagens sobre Cuba, México e Estados Unidos da América do Norte.

Quem era ele?

Um jovem poeta,^{*} crítico e jornalista, de 32 anos de idade, completados a 22 de outubro anterior, que já publicara, sete anos antes, seu único livro de poemas — *O Homem e sua hora* (Livros de Portugal, Rio, 1955).

Nascido em Teresina (Piauí), em 1930, Mário Faustino dos Santos e Silva era um dos últimos da série de 20 filhos do casal Francisco dos Santos e Silva e Celsa Veras e Silva, ele forte comerciante na capital piauiense. Criado, porém, pelo mais velho dos irmãos e pela cunhada — José Veras e Silva e Eurídice Mascarenhas Veras, dos quais era afilhado de batismo, considerava-os como seus verdadeiros pais.

Todo o seu curso primário foi feito na cidade natal, em colégio público — Escola Modelo “Artur Pedreira”, tendo como professora D. Nicola Burlamaqui.

Muito cedo aprendeu a ler e a escrever. Familiares e amigos contam que gostava de brincar de escritor, tendo composto, entre 9 e 10 anos, um conto que a todos impressionou — No Reino da Morte — história em que os personagens, após alcançarem esse reino, lá morriam.



Dominado, desde muito cedo e de forma quase obsessiva pela paixão da leitura, ficava agarrado aos livros até altas horas na noite. Aos 9 anos iniciou o estudo do inglês, língua de sua predileção, em “que viria a escrever e falar impecavelmente, como um oxfordiano”, no dizer de Haroldo Maranhão, consagrado jornalista e escritor paraense, grande amigo de Mário Faustino.

Em 1940, mudou-se para Belém do Pará, onde cursou todo o ginásio, os três primeiros anos no Colégio Nazaré, tradicional estabelecimento de ensino dirigido pelos Irmãos Maristas, e o último no Colégio Moderno, não menos tradicional mas de orientação leiga, e no qual, mais tarde, veio a ser professor de línguas estrangeiras. No Colégio Estadual Paes de Carvalho fez Curso Clássico, terminado em 1948.

Já aos 16 anos iniciara o jornalismo militante, no matutino associado *A Província do Pará*, escrevendo crônicas sobre literatura e cinema, além de traduzir e reescrever telegramas nacionais e estrangeiros.

Em 1949, transferiu-se para *A Folha do Norte*, cuja redação veio a chefiar, remodelando inteiramente o conhecido diário paraense. Ali trabalhou cerca de 7 anos, interrompidos por viagens. Desde 1948 colaborara com o Suplemento Literário do mesmo jornal, apresentando traduções de poetas franceses, espanhóis, ingleses e norte-americanos. Nesse mesmo Suplemento publicara poemas, demonstrando, já aos 16 anos, a profunda seriedade com que encarava a poesia, seriedade essa conservada ao longo de sua curta vida literária, rica de múltiplas atividades.

A primeira notícia que então se teve sobre a poesia de Mário Faustino deve-se a Francisco Paulo do Nascimento Mendes, professor e ensaísta paraense, titular de Literatura Portuguesa no Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, que em artigo intitulado – *O poeta e a rosa* – comentou longa e compreensivamente os poemas publicados.

Ainda no ano de 1948, Mário Faustino, juntamente com Benedito Nunes e Haroldo Maranhão, dirigiu uma revista literária de vida efêmera – *Encontro* – e participou da instalação, em Belém, da Associação Brasileira de Escritores.

Oficial do Exército pelo CPOR, ingressou, em 1949, na Faculdade de Direito, freqüentando-a, acidentalmente, até o 3º ano. Em 1954, chegou a matricular-se no 4º, não realizando, porém, qualquer trabalho acadêmico. Pouco depois, abandonou a Faculdade, “por falta de interesse”, conforme veio, mais tarde, a confessar.

Em 1951, viajou pelo Estado Unidos da América do Norte, onde permaneceu dois anos, com bolsa de estudos para Língua e Literatura Inglesas, conquistada em concurso internacional promo-



vindo pelo *Institute of International Education*. Foram seus estudos realizados no Pomona College, em Covina, na Califórnia. Submeteu-se, nessa oportunidade, a uma espécie de estágio no Los Angeles Mirror e, a interesses jornalísticos, visitou vários órgãos de imprensa de São Francisco, Chicago e Nova York.

Regressando a Belém, com a perspectiva de uma viagem à Europa, o poeta, que já escrevia e falava, com perfeição, francês e inglês além de se expressar satisfatoriamente em espanhol e italiano, estudou, com afinco, o alemão, em aula diárias, ministradas em inglês, por ser muito precário o português do professor. Logo conseguiu desembaraçar-se bem em língua alemã, a ponto de poder usá-la na Europa onde, em 1953, integrando uma embaixada de acadêmicos de Direito, percorreu minuciosamente Portugal, visitando, a seguir, durante 11 meses, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Áustria e Suíça. Suas andanças levaram-no, ainda, às Américas, especialmente Cuba, México, República Dominicana, Venezuela, Chile, Argentina e Uruguai.

De volta da Europa, Mário Faustino desempenhou, durante dois anos, o importante cargo de Chefe do Setor de Coordenação e Divulgação da Superintendência da Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), hoje Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), ao tempo dirigida pelo historiador Artur César Ferreira Reis, seu primeiro Superintendente. Foi no interesse dessas funções que fez, no Rio de Janeiro, curso intensivo de Introdução à Administração Pública, Organização e Métodos e de Relações Públicas na Fundação Getúlio Vargas, para o qual veio, depois, a ser contratado como professor, o que o levou a deixar Belém em 1956.

De 1956 a 1958, Mário Faustino foi, na Escola de Administração Pública, primeiramente professor-assistente, intérprete e tradutor num curso especial de Planejamento Regional, e depois assistente da cadeira de Sociologia e Filosofia Política e professor de inglês e francês. Por esse tempo, prestou serviços ao Conselho Nacional de Economia e ao Museu de Arte Moderna, como tradutor, intérprete e redator.

Foi essa uma época de intensa atividade intelectual na vida de Mário Faustino. O poeta que, aos 25 anos, já publicara o livro *O Homem e sua hora*, com a transferência para o Rio aumentou sua produtividade literária no campo da poesia e da crítica, através do julgamento e interpretação de poetas nacionais e estrangeiros.

Dirigiu, durante dois anos, a página Poesia-Experiência, do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, por ele iniciada, na qual, ao lado de estudos críticos, aparecem seus próprios poemas, ao tempo também publicados fora da página e no Correio da Manhã.

A página, pelos novos caminhos que abriu, despertou profundo interesse, sacudindo o ambiente poético do momento.

Em fevereiro de 1959, ingressou Mário Faustino no corpo redacional do *Jornal do Brasil*, galgando, três meses depois, em comissão, o cargo de confiança de Coordenador de Opiniões. Em dezembro do mesmo ano, licenciou-se para voltar, novamente, aos Estados Unidos. Lá permaneceu durante todo o ano de 1960, trabalhando no Departamento de Informações Públicas da ONU, em Nova York, onde preparava os *Press Releases*.

Voltou ao Rio em 1961, assumindo as funções de Diretor Adjunto do Centro de Informações da ONU no Brasil, nelas permanecendo até junho de 1962. No mês seguinte, retornou ao *Jornal do Brasil* já como Editorialista e Editor Chefe da Tribuna da Imprensa, cargo de que pediu demissão a 18 de julho, por incompatibilidade com a orientação redacional.

Nos meses seguintes, nenhuma função exerceu. Preparava-se para uma nova viagem ao México, Cuba e Estados Unidos, a fim de escrever uma série de reportagens sobre a atualidade política internacional, para o *Jornal do Brasil*, de cujo superintendente, Sr. Nascimento Brito, continuou amigo, apesar da ruptura com o matutino carioca.

Durante esse tempo, Mário Faustino ficou fazendo o que mais desejava - lendo, escrevendo, ouvindo música e conversando com os amigos.

Era propósito seu, declarado a Haroldo Maranhão e a Benedito Nunes, seus grandes amigos, acumular recursos que lhe permitissem desobrigar-se, pelo menos durante um ano, de encargos profissionais, a fim de dedicar-se inteiramente à obra que planejava e se constituía verdadeira razão de ser de sua vida.

A morte prematura não lhe permitiu realizar a obra tão sonhada; mas, a que Mário Faustino deixou é poesia alta e séria e, ao lado de sua crítica, provavelmente permanecerá, marco que é de uma renovação em tão boa hora aparecida nas letras nacionais

Haroldo Maranhão, ao escrever sobre Mário Faustino, no Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo (9 de julho de 1966), longo artigo intitulado *O poeta e sua vida*, conta, a propósito da projetada última viagem do poeta ao exterior, passagem muito curiosa, que vai reproduzida com as palavras do próprio articulista:

Depois, veio a saber-se que muito vacilou em empreender essa derradeira viagem. Várias vezes transferiu-a sem motivo aparente. E procedeu de forma estranhável, deixando com a mãe adotiva, no momento de embarcar finalmente,



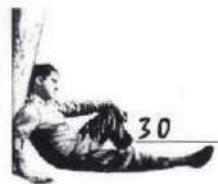
uma carta contendo instruções minuciosas de como deveria proceder na sua ausência e na eventualidade de alguma coisa acontecer-lhe. Tantas viagens realizara, sem que tivesse tido tal cautela. Uma coisa parece certa: assaltara o poeta a premonição da morte, que tanto celebrou em seus versos e que constitui um dos temas permanentes em sua obra. Singular episódio, verificado em sua última viagem a Nova York, confirma isso certamente. Um amigo emprestara-lhe seu apartamento naquela cidade e, uma tarde, Mário Faustino abriu ao acaso o catálogo de telefones com o intuito de localizar a lavanderia mais próxima. Seu olhar colidiu em duas linhas: nome e direção de uma astróloga irlandesa.

Como era espírito irrequieto, foi tomado pelo desejo de ouvir a voz da irlandesa, fazer-lhe perguntas, trocar ideias, e telefonou-lhe. Antes que pudesse explicar o acaso, intimou-a a outra que fosse ter com ela, incontinenti, para uma entrevista absolutamente necessária, tomasse um táxi, ela o atenderia logo, apesar de estarem vários clientes à espera. Levado por pura curiosidade intelectual, e imaginando que se tratasse de uma pobre senhora em dificuldades financeiras, não se escusou Mário Faustino ao encontro. De fato, havia pessoas aguardando a palavra da frenóloga, como também se intitulava ela. E não obstante narrasse o episódio de modo divertido, rindo ele próprio da experiência excitante, deve ter ficado momentaneamente embaraçado: a astróloga, rápida e incisivamente, reconstituiu-lhe coisas acontecidas, de maneira fulminante e exata, revelando-lhe circunstâncias pessoais e muito íntimas, parecendo desnecessário ressaltar que Mário Faustino, pelo seu espírito vigilante e perspicaz, não poderia ser ludibriado assim como alguém desavisadamente pudesse supor. Em seguida, disse-lhe a irlandesa mais ou menos isto:

O senhor está próximo de uma encruzilhada decisiva de seu destino. Poderá chegar às culminâncias da glória em sua pátria; ou um acontecimento cortará tudo de um golpe. Está no seu arbítrio contornar esse acontecimento.

E encerrou a entrevista, recusando o pagamento oferecido, o que o poeta levou à conta, naturalmente, de um truque promocional.

Mas a viagem, por várias vezes inexplicavelmente adiada, realizou-se, afinal, a 27 de novembro de 1962. Partindo do Galeão e destinado a Los Angeles, o Boeing 707 - PPVJB da VARIG, escalaria em Lima, Bogotá, Panamá e Cidade do México. Na última, Mário Faustino deveria desembarcar. Espatificado o avião em Cerro de Las Cruces, morreram as 97 pessoas que nele vinham. O corpo do poeta não foi identificado e, juntamente com outros despojos,



irreconhecíveis todos, foi sepultado em mausoléu da capital peruana. Fim trágico, insuportável para os amigos, mas, no dizer de um deles – Paulo Francis – “rápido, brilhante e total como a imaginação do poeta”.

Quando o jato em que viajava bateu na montanha “tudo se desintegrou, terno, sapato, obturações, o anel. O poeta, o crítico e editorialista Mário Faustino morreu e não foi cadáver”. Assim se referiu à morte do artista o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues no Capítulo LVIII de suas *Memórias*, publicado no Correio da Manhã de 5 de maio de 1967.

Ao apresentar, a 23 de setembro de 1956, no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, a página Poesia-Experiência, por ele próprio concebida, orientada e dirigida, Mário Faustino assim se expressou:

Trata-se de uma tribuna e de uma oficina, onde os poetas novos falarão ao público e, em particular, a outros poetas novos e onde, ao mesmo tempo, os jovens poetas e seus leitores procurarão reviver a boa poesia do passado, à medida que aprendem a fazer e a reconhecer a boa poesia do presente e do futuro. O lema de Poesia-Experiência (“Repetir para aprender, criar para renovar”) – parece exprimir as intenções da página. Através desta esperamos que o público – comparecendo, em última análise, como protagonista – possa ver, número após número, em pleno processo de elaboração, uma parte significativa da nova poesia brasileira. Aqueles que, como nós acreditam ser a poesia uma arte, e ser o poeta não uma prima donna e sim artesão honesto, competente músico e ser humano perigosamente vivo, procurando exprimir, da maneira mais bela, eficiente e durável possível, o sentimento de seu tempo e de seu mundo – esses encontrarão sempre abertas, para o debate e para a criação, as diversas seções de Poesia-Experiência, página que pretende ser veículo de comunicação do maior número possível dos interessados nos problemas da poesia.

A página, publicada, com raras interrupções, até 1º de novembro de 1958, como um *suplemento dentro de outro*, manteve-se fiel a seus propósitos iniciais, vivificando a poesia do passado como lição para o presente.

A biblioteca de Mário Faustino, dizem os amigos, constituía-se, basicamente, de poetas, desde os clássicos grego-latinos Homero, Virgílio, Propércio, aos mais recentes autores nacionais e estrangeiros. Lia, com assiduidade, os Cancioneiros galaico-portugueses, sobretudo o Romancero de Garret, o moderno Fernando Pessoa, os espanhóis Garcilaso, Góngora, Lorca, os franceses Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, Apollinaire, e St. John Perse, pelo



último dos quais nutria enorme admiração. Em língua inglesa, voltavam-se suas predileções para Shakespeare, Keats, Browning, Yeats, Eliot, Dylan, Thomas e Pound, cujos *Cantos* e ensaios críticos anotou da primeira à última linha; entre os alemães, principalmente para Hölderlin, Novalis, Stephan George e Rilke. Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Jorge de Lima foram os brasileiros de sua leitura e estudo mais constantes. Daí o seu grande cabedal para apreciar a arte poética.

Manter viva a poesia do passado, sem tirar os olhos do presente, aproveitar para esta a experiência daquela, divulgar, enfim, os grandes poetas de todos os tempos, eis o que tentou Mário Faustino através da página Poesia-Experiência.

A agudeza do crítico evidenciou-se ao lançar, nessa página, produções de jovens poetas ainda desconhecidos, nos quais sentira verdadeira vocação para a arte poética, além de vontade e capacidade de renovação.

Assim, não foi Mário Faustino apenas o crítico de autores já consagrados, quer estrangeiros, quer nacionais, o que seria bem mais fácil, mas o descobridor de novos talentos, que a ele devem o seu aparecimento em público. Procurando agir sempre dentro de um critério da mais estrita justiça, acabou com algumas reputações poéticas que lhe pareceram infundadas, fazendo a revisão de outras mais ou menos fundamentadas. Valeu-lhe esse procedimento inimizades, não raro injusta e injúrias do próprio meio literário do Rio de Janeiro da época.

Sentiu-as o jornalista, o homem, de certo, mas o crítico não mudou sua atitude, ditada por uma concepção muito séria da literatura, fruto, ainda, de acurados estudos dessa arte superior – a arte poética – por ele próprio exercida com total devoção.

Para Mário Faustino, o poeta deveria cumprir o triplice preceito horaciano – ensinar, deleitar e comover (*docere, delectare, movere*).

Crítico não historicista, Mário Faustino preocupou-se, sobretudo, em captar os aspectos essenciais do fenômeno poético, em todos os tempos, independentemente de escolas. A esse propósito teórico, acrescentou a finalidade pedagógica de ensinar poesia, já que, a seu ver, nenhum meio de comunicação ensinava tão profundamente e de modo tão inesquecível quanto a poesia (FAUSTINO, Mário. Para que poesia? In: *Cinco ensaios sobre poesia, de Mário Faustino*, 1964, p. 20).



Publicando exemplares da melhor poesia do passado e do presente, e, ao mesmo tempo, divulgando poetas novos, cujas produções se apresentavam renovadoras, Poesia-Experiência, através de artigos, balanços reavaliadores e estudos da autoria do próprio organizador, “ajudou a impulsionar a poesia brasileira no momento de marasmo em que ele caíra, após a edição de obras como *Claro enigma* (1950), de Carlos Drummond de Andrade, *Invenção de Orfeu* (1952), de Jorge de Lima, *Romanceiro da Inconfidência* (1953), de Cecília Meireles e *Poemas reunidos* (1954) de João Cabral de Melo Neto”. (NUNES, Benedito. *Poesia de Mário Faustino*. 1966, p.4).

Mário Faustino, seguindo longa tradição que remonta à antigüidade clássica (basta lembrar Horácio) e continuada, mais recentemente, com Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, Pound e Eliot, para só citar alguns dos mais importantes, alternou à sua experiência criadora de poeta à reflexiva de crítico. Por isso, toda a sua atividade intelectual, desde o livro *O homem e sua hora*, foi dedicada ao conhecimento e à elaboração da poesia. Não apenas pregou esse procedimento, mas viveu-o até o fim da vida, fazendo de sua poesia uma autêntica **praxis**.

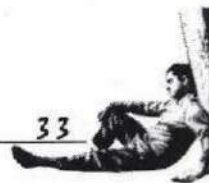
Sua teoria poética, deixou-a sintetizada, sobretudo, nos três ensaios – *Para que poesia?*, *O poeta e seu mundo* e *Que é poesia?* – escritos em forma dialogada, publicados primeiramente na página Poesia-Experiência e, após a morte do autor, reunidos em livro – Cinco ensaios sobre poesia de Mário Faustino com a seguinte nota explicativa:

Dois poetas trabalham na oficina que compartilham. Nas horas de trégua, quando guardam fatigados o silêncio, discutem seu ofício. Não pretendem dizer-se novidades, nem um ao outro expor-se à admiração; querem somente esclarecer, fixar e trocar experiências.

Dáí o nome de *Diálogos de oficina*, pelo qual comumente é conhecida essa obra, verdadeira profissão de fé poética do autor, dos quais farei aqui uma síntese.

O primeiro diálogo é todo o desenvolvimento ou a glosa da pergunta: *Afinal de que serve a poesia?* – feita por um dos poetas e à qual o outro responde fazendo, à maneira socrática, com que o próprio interlocutor vá encontrando a resposta. Esta, em síntese, atribui à poesia a tríplice missão de *docere, movere et delectare*, presa a conceito horaciano, mas já vista em ângulo moderno, pois essa tríplice ação se exerce, não apenas sobre o leitor, mas sobre o próprio artista, que se organiza através de sua obra.

Ao lado dessa função pedagógica, há uma outra - a função catártica, purificadora – também duplamente exercida sobre o leitor e sobre o autor: “Enquanto o poeta purga e melhora o leitor ou ouvinte, fazendo-o ‘mudar de vida’ purga também e também me-



lhora a si mesmo, mudando continuamente de vida, até, se possível, fixar-se em formas definitivas de realização. Na poesia encontra o poeta, quando os deuses estão de seu lado, a sua unidade existencial". (FAUSTINO, Mário.op.cit, p.21).

O diálogo destaca, ainda, a utilidade social da poesia, encarada sob dois aspectos: o *ativo* e o *passivo*, o segundo dos quais dá testemunho da sociedade ao interpretá-la e registrar as diferentes fases, quer espaciais, quer temporais, de sua evolução, tornando-se, assim, um documento vivo de certo povo em época e momento determinados. Como documento humano, é insuperável e isso basta justificar a sua existência perante a sociedade, "sem esquecer aquela sua outra utilidade como que ontológica: a simples beleza, a mera consciência da dignidade da espécie que um poema automaticamente comunica aos homens "(id. ibid., p. 25).

Graças a essa utilidade social, a poesia age sobre um povo, não individualmente e de maneira catártica, mas semelhante a um comício, um discurso, um editorial, levando-o a tomar consciência de si mesmo. É o seu *aspecto ativo*, que pode ser bem compreendido quando se atenta para a importância d' *Os Lusíadas* para a nacionalidade portuguesa, ou da *Iliada* e da *Odisséia* na formação de uma consciência helênica, capaz de unificar os fragmentados povos da Grécia antiga.

Finalmente, o julgamento de um poema só pode ser feito segundo o diálogo, sob nível estético, sem qualquer vinculação ao ético. Se esteticamente bom, ele exerce um papel importantíssimo, ajudando a manter elevada a expressividade da língua, com o que presta um grande serviço à coletividade; caso contrário, se degrada a língua, provoca, também, a decadência da sociedade que a fala.

Seguindo linha bem moderna, o poeta mostra no seu diálogo, que não há mais lugar para a poesia "ingênua, embaladora, inofensiva, que só serve de paliativo, enganando o povo que a lê, fazendo-o esquecer, por instante que seja, seus problemas, seus direitos, seus deveres", (id. ibid., p.34) como um outro "ópio do povo".

O segundo diálogo - *O poeta e seu mundo* - responde a duas perguntas básicas: "Que posição deve assumir o poeta contemporâneo diante dos problemas de sua época?" e "Qual o seu papel perante a sociedade em que vive?" - questões complexas, de raízes profundas, para esclarecimento das quais surge uma nova: "Que vem a ser um poeta?". E logo uma resposta breve: "um ser humano como os outros", mas dotado de certa capacidade de percepção e de expressão, *ambas verbais*, que "o tornam especialmente apto para harmonizar - intrinsecamente e em relação ao outro - os dois universos: um tangível - natureza e sociedade - e outro intangível - o das palavras em todos os seus aspectos de som, idéia e imagem. O poeta seria, portanto, aquele homem que, (sic) capaz de receber os fenômenos naturais e sociais de modo especialmente sintético, e

também capaz de exprimir em palavras organicamente relacionadas, essa visão totalizadora de um mundo e de uma época". (FAUSTINO, Mário. *O poeta e seu mundo*. In *Cinco...* p.35-36).

Antes da resposta às duas perguntas, há toda uma explanação sobre as condições necessárias a um bom poeta que acima de tudo, deve procurar aperfeiçoar a sua percepção do mundo todo, do universo, natural, social e individual. Seu papel é o de traço-de-união entre três elementos permanentemente agônicos: ele próprio, o universo (natural e social) e as palavras. Ao poeta cabe perceber o universo não apenas pelo sentimento, mas através da reflexão, do raciocínio, porque a poesia não é somente *música e imagem*, é, também, *pensamento*.

Poudiano, Mário Faustino não poderia esquecer a tríade do artista norte-americano: melopéia, fanopéia e logopéia, que constituem a estrutura do *tecido poético*, hoje qualificada de "fanologomelódica da qual depende o valor de um poema aquilata-do mediante a *eficácia* de sua linguagem" (NUNES, Benedito. Introdução. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia-Experiência*. 1977, p. 14).

O verdadeiro poeta critica o universo e a sociedade porque os ama, e sobre eles procura agir, experimentando melhorá-los. Daí se interessar, ativamente, pela filosofia, ciências e política de sua época, das quais nos dá um retrato dinâmico, através da própria obra.

O universo, em todos os seus aspectos, natural, social e individual, pode se constituir objeto, não apenas da percepção poética, mas, também, da expressão poética. Não há objetos, nem palavras, nem expressões impróprias à poesia, porque esta "é um pássaro versátil e bem pouco *snob*, capaz de fazer seu ninho em qualquer canto" (FAUSTINO, Mário. op. cit., p 41).

Para Mário Faustino, a percepção poética deverá ser "omninclusiva" e "omninexclusiva" (neologismos do crítico), isto é, o poeta deve ver a coisa integrada no universo, através de múltiplas relações de semelhança e dessemelhança e, ao mesmo tempo, individualizada de modo extremamente objetivo, independente, o máximo possível, da percepção por categoria. Os dois aspectos se interpenetram, completando-se.

É importante, para ele, ver a coisa de modo inteiramente original e novo, como se nunca a tivesse visto ou ouvido, e, ao mesmo tempo, carregada de toda a experiência anterior, não só sua própria, como de todos os homens. Isto resultaria em uma percepção simultaneamente *horizontal*: a coisa no momento, agora, como novidade, considerada em abstrato; e *vertical*: a coisa em sua história, não só na sua própria ancestralidade, mas, ainda, na história do conhecimento que dela têm tido os homens, poetas, ou não. É a questão sincronia e diacronia, termos que o autor não emprega.



Relacionam-se, de maneira íntima, o processo perceptivo-expressional da poesia e o processo criador da própria linguagem. Adequados os meios à matéria tratada, ajustada a dicção aos padrões próprios da poesia, ter-se-á o poema perfeito, cuja eficácia “está na razão direta de seu perfeito funcionamento, sem desgaste ou perda de significado”(NUNES, Benedito. op. cit., p.14)

Se Shelley, na sua *Defesa da poesia*, considerou o poeta como legislador e profeta, Mário Faustino, comungando de opinião semelhante, julga-o, ainda mais, cientista, filósofo, juiz e líder, mas, acima de tudo, obrigado a ser “um bom poeta”. A esse primeiro mandamento, outros são impostos:

- a - ter uma visão de conjunto das coisas e das situações, munindo-se, para tanto, de conhecimentos filosóficos, sociais, políticos, noções de estética, intimidade com a prosa e com as outras artes, saber o que se passa no mundo exterior, ter autoconhecimento e conseqüente auto crítica;
- b - perceber a mutabilidade das coisas e ser capaz de raciocinar “em projeção”, atentando para a transformação das situações atuais em situações futuras;
- c - provocar uma impressão de eternidade, própria da poesia verdadeira (seu caráter profético ou de vidente);
- d - retratar-se a si próprio, com fidelidade, de forma a fazer de sua poesia um documento humano fidedigno;
- e - expressar, também com igual fidelidade, sua época, seu povo e sua terra;
- f - agir sobre sua época através de uma poesia realmente participante, crítica e transformadora do mundo; e
- g - contribuir para o progresso de sua língua, dando-lhe mais flexibilidade e exatidão, ampliando-lhe, assim, a eficiência.

Herdeiro de experiências ancestrais, quer no sentido moral quer no estético, modificando-as de acordo com a própria concepção artística, o poeta adquirirá sua experiência pessoal, sob certos aspectos dotada de originalidade, capaz de levá-lo a promover a transformação do mundo, um dos principais deveres de qualquer artista. Assim procedendo, colocar-se-á “não à margem, mas no centro móvel da corrente dos tempos” (FAUSTINO, Mário. op. cit., p.54).

Se assumir essa posição, o poeta deverá levar-nos, a “cosmos incessantemente renovados” (BACHELARD, Gaston. *La Poétique de la Réverie*. 1968, p.21), lembro eu, agora, associando o pensamento do poeta-crítico ao do filósofo-poeta que foi Gaston Bachelard.

O terceiro e último diálogo - *Que é poesia?* Adverte, de início, que nenhum dos interlocutores pretende dar sobre isso um conceito definitivo, procurando, apenas, estabelecer o que representa, para eles, a *Poesia*, encarada, não no seu conceito vulgar e sim como *arte*

poética, antes de tudo “uma maneira de ser da literatura, ou seja, da arte da palavra, da arte de exprimir percepções através de palavras, organizando estas em padrões lógicos, musicais e visuais” (FAUSTINO, Mário. *Que é poesia?* In :- *Cinco*. . . 1964, p.56)”

Mostra-se Mário Faustino, mais uma vez, francamente poundiano nessa concepção.

Ponto destacável do diálogo é a distinção entre prosa e poesia, comumente formal e quantitativa. Formal, porque referente apenas aos dados concretos que têm distinguido uma coisa da outra: aspecto exterior, gráfico, da página de prosa e do poema, variações rítmicas, etc. Quantitativo, porque todas as distinções formais até hoje apontadas têm servido apenas para mostrar a poesia como possuidora de um ritmo mais acentuado do que o da prosa, de uma linguagem mais concentrada do que a desta e de um metro mais preciso e mais fácil de identificar.

Tais distinções, na verdade, limitam-se a separar prosa e verso, quando o interessante é colocar em contraste duas linguagens, dois modos de expressão ou os dois extremos de uma só modalidade de expressão – *a literatura, a arte verbal*. É nesse nível que prosaico e poético se distinguem com suficiente nitidez, embora permaneça difícil decidir para sempre, e com exatidão, se determinada obra literária se encontra dentro dos limites do prosaico ou nas fronteiras do poético.

Prosa e poesia distinguem-se apenas no campo formal, porque ao nível material, essencial, sempre o prosaico é encontrado na poesia e o poético na prosa. Por isso deve-se distinguir **qualitativamente** o prosaico e o poético, sem emprestar ao primeiro qualquer intenção pejorativa.

Prosaico é “o arranjo de palavras em padrões (cuja forma gráfica e cujo ritmo, mais ou menos irregulares, não nos interessam ainda), que analisam, descrevem, ilustram, glosam, narram ou comentam o objeto; é prosaico o discurso sobre o objeto (ser, coisa, ou idéia)”. É poético “o arranjo de palavras em padrões (cujo aspecto formal - auditivo ou visual – repito, ainda não entra em consideração) que sintetizam, suscitam, ressuscitam, apresentam, criam, recriam o objeto; é poético o canto, a celebração, a encantação, a nomeação do objeto”(id. ibid. p.58- 59).

Noção muito importante a fixar: um trabalho não é melhor ou pior por ser *poético* ou *prosaico*. Linguagem poética é, antes de tudo *criação* ou *recriação*, enquanto a prosaica é mais comunicação, o que não implica na inexistência de comunicação no poético, nem de recriação no prosaico. *Na verdade, não há prosa pura nem poesia pura.*



A genuína linguagem prosaica, comunicativa por excelência, não pode dispensar um máximo de clareza, de exatidão e de inconfundibilidade; a poética sempre poderá ser ambígua, mágica e misteriosa.

O poético não precisaria ser compreendido e sim percebido, como um vaso, um edifício, uma dança, enquanto o prosaico perderia todo o sentido se não fosse perfeitamente entendido, pois nele o artista comenta o universo por meio de palavras cujo arranjo já está a sua disposição, tendo como fim capital comunicar. E o artista comenta o universo em benefício do ouvinte ou leitor. No poético, esse mesmo universo é recriado, graças às *palavras-objetos*, por ele doadas ao ouvinte ou leitor.

Toda essa distinção está vinculada a discussões sobre a origem das línguas, a respeito da qual estudiosos como Vico e Croce sugeriram tenha sido a linguagem poética a original, já que a primeira nomeação de um objeto, por parte de um sujeito que o desconhecia, só pode ter sido feita através de sua recriação, de maneira verbal, por esse mesmo sujeito. Conclusão: o poético sempre precede, cronologicamente, o prosaico.

Em última análise, Poesia é toda a obra literária em que a *nomeação* ultrapassa em significativa proporção o *relato* dos objetos - "pouco importando a profundidade, a importância, a 'beleza' desses objetos, bem como pouco importando os padrões formais mais ou menos rítmicos, mais ou menos regulares adotados pelo autor". *Prosa* - "toda obra literária em que o relato dos objetos ultrapassa em proporção substancial a nomeação dos mesmos: seres, coisas, idéias" (id, ibid. ,p. 67- 68).

Propondo uma distinção qualitativa entre prosa e poesia, Mário Faustino acompanha o pensamento de Sartre em *Qu'est-ce que la littérature?*, baseado nos dois usos diferentes das palavras e nas duas formas de percepção do mundo - o *poético* e o *prosaico*.

O poeta compreendeu bem a responsabilidade de ser poeta e para ela chamou a atenção de outros poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Jorge de Lima e Vinícius de Moraes, em ensaio intitulado *Concretismo e poesia brasileira* (FAUSTINO, Mário. *Concretismo e poesia brasileira*. In: - *Cinco*. . 1964, p. 71- 83).

Para Mário Faustino, ser poeta não era apenas escrever poesia de alto valor, como o fizeram os autores citados, mas, ainda, dedicar-se à tarefa do didatismo crítico, teorizar sobre poesia e, no caso específico do Brasil, tentar uma solução eficiente para os inúmeros problemas da arte poética.

Somente o grupo concretista de Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari e Ferreira Gullar, saindo do nível do verso, tentara novos caminhos poéticos, constituindo "a única forma de vanguarda séria que há no Brasil de hoje"(id. ibid, p.80). Isso ficou bem provado quando da abertura, em 1957, da exposição de arte concreta, no Ministério da Educação.

A experiência concretista, para Mário Faustino, salvaria a poesia brasileira do discursivo- sentimental, promovendo autêntica renovação da linguagem poética. Essa opinião foi, ao tempo, bastante válida.

No último ensaio da Coletânea 2, Mário Faustino, que considera Stéphane Mallarmé o poeta mais poeta de todo um século, analisa-o tendo em vista as duas grandes tarefas por ele desempenhadas: a de *criticar a tradição poética* através do próprio ato de fazer poemas, aproveitando o vivo e desprezando o ultrapassado e morto, e a de criar poemas, senão totalmente novos, pelo menos renovados, e constituindo-se, a um só tempo, documento de auto crítica existencial e fundamentos para uma reforma da linguagem poética.

O crítico chama atenção para o fato de Mallarmé, aparentando respeitar a sintaxe tradicional, fazer dela o que bem entende, associando palavras à sua maneira, renovando a língua e criando objetos verbais.

Comentários mais ou menos sucintos dos poemas *Igitur* e *Um coup de dés*, oferecidos apenas como pontos de referência e não com intenção interpretativa, ilustram o que teoricamente fora exposto, evidenciando o sólido conhecimento que Mário Faustino possuía da obra malarmiana. Justificam, também, o seu entusiasmo pelo poeta francês, promotor de uma renovação da linguagem poética" poeta imenso, para nós o mais importante e o menos incompleto (juntamente com Ezra Pound) de todo um século de poesia em experiência" (id. ibid. p. 107).

Se os *Diálogos de oficina* já nos dizem bastante sobre o pensamento do poeta e crítico Mário Faustino, é, no entanto, na página Poesia-Experiência que melhor pode ser apreciada a sua atividade crítica, exercida com largueza de vistas, excedendo as finalidades comuns do gênero, fugindo "as barreiras do bom-mocismo enmiástico, do aceno cordial ou do amadorismo alienado"(GRUNEWALD, José Lino. *Mário Faustino: poeta e crítico*. 1962).

Na página aparece uma seção intitulada *Poeta Novo*, que seu organizador considerava a mais importante porque destinada a divulgar, após rigorosa seleção prévia, poemas de autores jovens capazes de concorrer para abrir novos caminhos à arte poética nacional.



As demais divisões da página são: *O melhor em português*, com a publicação de clássicos de Portugal; *È preciso conhecer*, divulgando os poetas modernos estrangeiros através de traduções, algumas da autoria do autor da página; *Clássicos Vivos*, apresentando textos, também traduzidos, de poetas antigos de épocas e nacionalidades diversas; *Subsídios de críticas*, ou, *Textos pretextos para discussão* agrupando excertos de André Gide, Gaëtan Picon, Sartre, Benedetto Croce, Pound, Eliot, Hebert Read, Gertrude Stein e outros; e, ainda, uma antologia de trechos pequenos em versos, exemplificadores da linguagem poética de alto nível, intitulada *Pedras de toque*.

Em uma outra seção, por ele própria escrita - *Fontes e correntes da poesia contemporânea*, Mário Faustino estudou, em ensaios de grande acuidade crítica, a atividade poética de Edgar Allan Poe, Théophile Gautier, Walt Whitman, Charles Baudelaire, Emily Dickinson, Arthur Rimbaud, Gerard Manley Hopkins, Stephan George, William Butler Yeats, Alfred Jarry, Tristan Corbière, Jules Laforgue e Ezra Pound. Nessa mesma seção, *Futurismo*, *Cubismo* e *Dadaísmo* mereceram, também, cuidadosa apreciação.

Não ficou nisso o seu trabalho de divulgador da poesia universal. Traduziu textos teóricos de vários autores, antes pouco ou quase nada divulgados em nosso país: Gaëtan Picon, Michel Debrun, Hebert Read, Gertrude Stein, com os quais pretendia fornecer pretextos para discussão da arte poética.

Sem perder de vista uma longa tradição, traduziu poetas antigos, de épocas e nacionalidades diferentes, mostrando o que neles havia de vivo e capaz de servir de lição ao presente. Se as traduções não eram de sua autoria, o crítico, rigorosamente honesto, fazia constar o nome do tradutor, o que prova o quanto se mantinha em dia com o que era feito ou publicado, entre nós, a respeito de poesia.

Tradutor, Mário Faustino foi, na linha de Augusto e Haroldo de Campos, mais um recriador, um intérprete, demonstrando sua superior sensibilidade na captação da poesia em língua estrangeira.

Escapa às dimensões desta dissertação, a seus propósitos, também, um estudo detalhado de Mário Faustino tradutor de antigos ou modernos. Nem é possível falar com pormenores, de sua atividade de organizador de uma grande Antologia da Poesia Brasileira, antologia crítica, de nossas primeiras manifestações poéticas à fase contemporânea.

Sobre esse último trabalho, do qual o incumbira Afrânio Coutinho e que deveria tomar-lhe pelo menos dois anos, assim falou em carta a Benedito Nunes: "Farei a coisa mais bem feita e séria e viva e útil e provocante de minha vida. Não respeitarei convenção nenhuma, a não ser ajudar e interessar o leitor, e fazer absoluta justiça aos poetas" (Carta procedente do Rio de Janeiro, 16.10.57).



Dessa futura antologia, foram encontrados o pleno geral e mais uma seleção, bastante numerosa, de poemas de José de Anchieta, Gregório de Matos, Manuel Botelho de Oliveira, Bento Teixeira Pinto, Bernardo Vieira Ravasco, Euzébio de Matos e Sebastião da Rocha Pita.

No campo específico da literatura brasileira, procedeu a uma cuidadosa revisão da poesia de Jorge Lima, apresentada ao longo de sete ensaios intitulados *Reverendo Jorge de Lima*, e apreciou sob o título geral de *Evolução da poesia brasileira*, poetas do passado como Anchieta, Bento Teixeira, Gregório de Matos, Botelho de Oliveira, Caldas Barbosa, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga, Souza Caldas, Basílio da Gama, de todos apresentando excertos das obras.

Em outra seção - **Poesia em dia** - foram apresentados trechos de poetas contemporâneos como: Carlos Diegues, Jamir Firmino Pinto, José Paulo Moreira da Fonseca, Paulo Mendes Campos, Ruy Costa Duarte e Américo Facó.

Assim, como muito bem salienta Benedito Nunes, em *Poesia-Experiência* Mário Faustino destacou a continuidade entre o tradicional e o novo, colocando-os, lado a lado, para, segundo aquele crítico, obter a convergência estética de certos padrões criativos nos quais pudesse assentar uma renovação da linguagem poética (NUNES, Benedito.op.cit.p.10)

Como as duas atividades mostram mais uma faceta do jovem poeta e crítico, não poderia deixar de mencioná-las.

A crítica de Mário Faustino, que o ensaísta e professor paraense ressalta como “a primeira de caráter instrumental e didático entre nós”, é fruto imediato de sua superior atividade poética.

Sentindo o sortilégio da poesia, “transformava-se tranqüilamente num ser poético integral” (AYALA, Waldir.23/05/ 64,5/ jul./ 64), conforme confessa em carta a um de seus amigos: “Aliás, sinto-me cada vez mais poeta e cada vez menos crítico. E poeta, por oposição ao crítico, é aquele que *Aceita tudo, a beleza e o pavor*” (RILKE - Carta de Mário Faustino, de 21.03.60).

Quando em setembro de 1957, a página Poesia-Experiência completou um ano, Mário Faustino fez uma espécie de relatório, de tomada de posição, de balanço, de autocrítica, enfim, das atividades nela desenvolvidas. Comentando suas diferentes seções, afirmou ser de todas elas a mais importante a intitulada *O poeta novo*, verdadeiro campo de experiência, o verdadeiro laboratório (atelier livre) da página.



A respeito desta seção, "alguém de muita responsabilidade afirmou ao poeta que, em apenas um ano, graças a ela muito se elevara o nível da poesia inédita em livro no Brasil".

Alguns dos poetas nela apresentados, embora já houvessem publicado um ou dois livros, declararam, por sua vez, que haviam mudado consideravelmente depois da participação ativa na página.

José Lino Grunewald, um dos mais ativos colaboradores do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, atuante membro do movimento concretista, publicou seu primeiro poema (O Albatroz) no primeiro número de Poesia-Experiência e, como ele, vários outros, nela estreantes, passaram a colaborar normalmente no mesmo Suplemento.

Ainda nesse número de autocrítica, Mário Faustino repete um pensamento de Confúcio, publicado no primeiro número da página: "Se um homem sabe manter vivo o que é velho e reconhecer o que é novo, poderá um dia ensinar".

As palavras do sábio chinês aplicam-se, perfeitamente ao organizador da página Poesia-Experiência, que de sua arte soube fazer, mantendo vivo o velho e reconhecendo o novo, uma completa docência.

Na mesma página de balanço-crítico, o poeta, cuja honestidade intelectual já ressaltai, esclarece sobre sua atividade de tradutor:

Traduzir um poema ou um trecho de um poema, de não importa qual poeta, não quer dizer que conheçamos (ou queiramos dar a entender que conhecemos) a obra inteira desse poeta. Muitas vezes extraímos poemas e trechos de poemas de antologias e de textos críticos. Por outro lado, só traduzimos diretamente do original os poemas em espanhol, francês, inglês, italiano e alemão e algumas vezes com o auxílio de outras traduções em outras línguas. Os textos em latim traduzimos sempre recorrendo, ao mesmo tempo, ao original e a outras traduções. Os textos em grego, - língua da qual sabemos pouquíssimo, quase nada - traduzimos sempre, exclusivamente, com o auxílio de outras traduções. Publicamos, às vezes, o original grego em caracteres latinos, precariamente, apenas a título de ilustração. Estes esclarecimentos têm como fim a destruição de mitos de que talvez sejamos em parte culpados - por descuido ou seja lá que for.

Prestando informações sobre a seção *Pedras de toque*, declara ser a expressão traduzida de *touchstone*, usada por Matthew Arnold, e acrescenta:

Para nós essas 'pedras de toque' - que a muitos bão de parecer resquícios 'parnasianos' de indevido amor à unidade 'verso' - são muito importantes: definem nosso gosto, contribuem para a formação de um novo gosto entre nossos leitores mais jovens, servem de termos de comparação para o julgamento de outros poemas, estabelecem performance standards, i.é, padrões de realização e formam ao mesmo tempo, verdadeira antologia de fragmentos excelentes, a nosso ver, da poesia universal. Há, por outro lado, poetas que só subsistem por um ou alguns versos. Seria trair nossa posição estética publicar de qualquer deles um poema inteiro. A pedra de toque é, nesse caso, uma solução, uma opinião, uma atitude, mais o direito de lutar ferozmente para colocar em ação social esse gosto, essa opinião, essa atitude.

Para Mário Faustino, a arte foi longa e a vida foi breve. Melancolicamente, o poeta chegou a perguntar "Que será da minha velhice? A esperança é que os amados dos deuses morrem cedo: que me amem os deuses (duvido muito)"(Carta - 21/03/60).

Amaram- no, sim. Mário morreu cedo, aos 32 anos de idade.

...

A morte prematura não o impediu de desenvolver um tema único, confundido com a sua própria natureza e o seu entendimento pessoal das coisas humanas, o que, segundo Carlos Drummond de Andrade, é preocupação do verdadeiro poeta.

Pelo tratamento dado a esse tema, oferece-nos o poeta uma visão do mundo, resultado de uma luta constante com o universo, transformada na mais vã das lutas - a luta com as palavras, verdadeiro desafio que, mesmo acabando na derrota do artista, é "sempre de certo modo uma vitória" (FAUSTINO, Mário. op. cit., p.22). Se um sereno pacto final se estabelecer entre os dois mundos - exterior e interior - reconcilia-se o cosmos, graças ao *logos* poético.

O tema único sofre um sem-número de variações. Exposto de diferentes maneiras, desdobrando- se, parece diverso, múltiplo. Esse desdobramento de uma mesma realidade implica na criação de um mundo rico de múltiplas facetas, universo verbalizado, em que a palavra é soberana única. Matéria prima, é através dela, do *ato cosmogônico de escrever* que se verifica "a passagem da desordem à ordem, da treva à luz, do caos ao cosmos" (SANTANA, Afonso Romano. *Drummond, o guache no tempo*. 1972, p. 212) .

Graças a uma linguagem poética vivificada e de alto nível, Mário Faustino desvenda-nos sua cosmovisão, através do tema único *Vida-Amor-Morte*, a que se acham profundamente interligados outros, dele simples variações: *Sexo-Carne-Espírito*, *Pureza-Impureza*, *Salvação-Perdição*, *Homem-Deus* ou *Humano-Divino*.



Em Mário Faustino, o tema eterno e obsessivo *Vida-Amor-Morte* abrange os três elementos confundidos de tal modo que é quase impossível considerá-los isoladamente. Na realidade, constituem a experiência interna do poeta, depois valorizada sob revestimento verbal, mundo-íntimo que se torna palavra e só assim comunicável. A Vida é Vida em toda a sua plenitude, física, moral e intelectual e encontra no Amor a sua maior forma de realização. Ambos têm na Morte a síntese final, porque ela é Vida e Amor também.

Por sua vez, a linguagem, a única substância que, no mundo de Mário Faustino "se manifesta através das coisas reduzidas à condição de metáforas" (NUNES, Benedito. *Invenção, Revista de Arte de Vanguarda*, jun.1963), confunde-se com a Vida, como se evidencia no poema *Vida toda linguagem*, em que os versos finais identificam Vida e Linguagem ao perfeito e ao eterno

Vivendo uma vida toda linguagem, todos sabem conjugar três verbos - *amar, fazer, destruir* simples variações da trindade temática básica que assume, na poesia de Mário Faustino, um caráter realmente obsessivo. O artista, ao elaborar sua obra, promove a divinização do verbo e o seu mundo é para nós delineado pela linguagem, totalizado em forma e estrutura.

Sexo-Carne-Espírito, outra relação triádica, constantemente invocada, não se desliga da anterior. O Sexo, encarado como princípio de vida, liga-se ao Amor; a Carne associada ao Espírito, vive em constante busca de libertação. A esses elementos vão, por sua vez, unir-se, intimamente, mais outros, os temas dualísticos da *Pureza-Impureza* e *Perdição-Salvação*. E onde eles se acham comprometidos, nada mais natural do que a procura de uma outra relação dualística – *Homem-Deus* ou *Humano-Divino*, coroamento de todo o processo metafórico, já que em Deus tudo se resume, na medida em que é *Vida-Amor-Morte e Ressurreição*, triunfo total do espírito sobre a matéria.

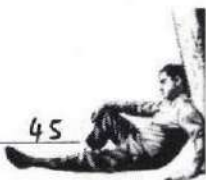
Implicado com esses temas, importante também, está o do *Tempo*, encarado ora como eternidade, ora como momento fugaz, passagem, mistério que angustia e deixa perplexo o artista. E esse tempo é tempo no conceito heraclítico, é a *durée* bergsoniana. Paradoxalmente efêmero e eterno, ilusão e realidade, é tempo devorador e escatológico, contra ele nada valendo, nem mesmo os versos do poeta (“verbos, dardos de falso eterno”), pois seu domínio se estende até “o morto que enterra os próprios mortos” (*Sinto que o mês presente me assassina*).

Essa preocupação com o Tempo evidencia-se no próprio título do único livro publicado em vida do poeta - *O homem e a sua hora* - título também do poema que encefra a obra então editada.

Todos esses temas, entrelaçados, confundidos e unificados, têm um elemento comum a ligá-los – a noção de *vida agônica*, de luta que não finda e rege o Amor, a Morte, o Sexo, a Carne, o Espírito, a Pureza, a Impureza, Deus e o Homem, enfim, tudo quanto, no mundo é capaz de gerar a angústia existencial, provocar perguntas, esperar respostas nem sempre encontradas. Nenhuma vitória completa, nem total derrota – luta do homem com o mundo e do homem com o homem, luta do poeta com o cosmos e sua luta, maior ainda, com as palavras.

Quando o escritor tenta transformar qualquer experiência ou ilusão em linguagem, sem dúvida o faz, não para dizer alguma coisa, mas para *se dizer*, para transformar-se, ele próprio, em linguagem. Fadado, como o Amante, a uma penosa agonia, resultante desse trabalho, o poeta, no caso Mário Faustino, confunde o caminho da salvação com o da perdição e, paradoxalmente, é por este levado àquele. “E é dos elementos impuros da existência – do atol do sexo triunfante ou da salsugem da agonia, que a pureza se desprende” (NUNES, Benedito.op.cit.p.6).

Tal como na prosa da vida, *amar, fazer, destruir* são versos conjugados ao longo da poesia de Mário Faustino. Se o poeta, entrelaçado à figura do Amante e do Herói, chega a triunfar **claro e dórico**, pouco lhe adianta a vitória. Morre na luta, sem conseguir resolver o problema Vida-Morte, Eterno- Efêmero, simbolizado no enigma dos eclipses do sol, para o qual:



...não temos resposta. E a esfinge desdenha
Devorar-nos na paz que a transfigura
Após a fértil guerra pela inútil
Coroa longeva (Vigília)

Eneida, ao comentar o aparecimento de *O homem e sua hora* “livro de versos belíssimos”, refere-se a Mário Faustino “tão menino, tão jovem e já tão seguro da arte poética, tão forte nos mistérios e nos segredos do versejar” (ENEIDA. *Diário de Notícias*, nov.1955).

É realmente impressionante, e percebeu-o bem a cronista, a capacidade do poeta de estruturar os poemas, vários dos quais, creio não exagerar, podem figurar como dos mais perfeitos da língua portuguesa.

Artífice e artista, Mário Faustino maneja o verso com superior maestria, consciente do que realiza, tentando fazer da poesia, de acordo com a sua própria concepção teórica “o mais eficaz, o mais perene, o mais exato dos meios de comunicação” (FAUSTINO, Mário.op. cit., p.30). Para funcionar, é necessário que o poema “viva em função do tempo, do espaço e do homem”- contra ou a favor, nunca indiferente, (id. ibid.p.31). Só assim poderá ser uma força respeitável em face das demais forças sociais.

Impossível negar a atualidade dessas opiniões.

Ora, o próprio tema central e único da poesia de Mário Faustino - *Vida-Amor-Morte* - e suas variantes, insere-se no contexto, não apenas poético, mas social da atualidade, já que a famosa tríade literária encontra sua correspondente em outra tríade biológica - *Nascer-Crescer-Morrer*, inseparável da própria condição humana em todos os tempos. À etapa intermediária - crescimento - corresponde o Amor, única forma de perpetuação do ser humano. No poema *Vida toda linguagem*, há estes versos:

Vida toda linguagem —
 como todos sabemos
 conjugar esses verbos, nomear
 esses nomes:
 amar, fazer, destruir,

em que a relação triádica se enuncia em nova ordem, conservando, porém, o mesmo sentido.

Não é apenas nos poemas de *O homem e sua hora*, nem nos *Esparsos e Inéditos*, reunidos na coletânea *Poesia de Mário Faustino*, publicação posterior à sua morte, que se encontram os temas referidos.



Preocupação constante do poeta, estão presentes nas produções de sua juventude, esparsas em jornais da época, e nas posteriores aos livros editados, estas últimas conjunto a que ele próprio chamou *obra-em-progresso* convertida em *poema-projeto* do qual, em carta cujo trecho vale a pena transcrever, assim fala:

com ele, poesia e vida minhas deverão seguir paralelas, até que a morte nos separe, till death doeth part us; o que publicarei, de tempos em tempos – digamos, segundo meu plano atual, de cinco em cinco anos, serão porções “montadas” à maneira cinematográfica, eisensteiniana. Essa montagem, ao mesmo tempo que dará ordem, harmonia, à minha poesia, organizará, de certo modo, minha vida, uma refletindo, ou melhor, reflexando a outra. A poesia será assim, um outro plano de vida que, agindo sobre e reagindo a, (sic) minha vida, me possibilitará – espero – o tipo de auto-realização a que aspiro”(Carta a Benedito Nunes, procedente de Nova York, 17. 09.60).

A primeira tentativa de realização desse projeto aparece no poema *O homem e sua hora*, para mim ponto central da poesia de Mário Faustino, sintetizando, de certa maneira, as produções que lhe são, quer anteriores, quer posteriores.

Partindo do estudo desse poema básico, tentei uma apresentação ampla da poesia de Mário Faustino, nela destacando a importância dos temas indicados como obsessivos, responsáveis por sua *visão do mundo*.

Para atingir tal finalidade, o meio mais adequado pareceu-me a análise e interpretação de certos poemas, isolados, ou de conjunto de poemas, quando verificadas entre eles semelhanças temáticas ou formais, nexos de ligação e interdependências mais estreitas.

Além desse propósito maior, foi intenção minha evidenciar a sempre constante tradição renovada na poesia de Mário Faustino, de cuja presença o poema central é excelente exemplo, confirmando o lema da página Poesia-Experiência -“Repetir para aprender, criar para renovar”. Tentei ressaltar, ainda, a permanente conciliação dos postulados teóricos do artista com a sua *praxis* poética.

É claro que, posteriormente, várias outras constatações foram sendo feitas, como, por exemplo, a predileção de Mário Faustino pela metáfora, seu gosto pela construção anafórica a insistência em valorizar substantivos e verbos e em economizar no uso dos adjetivos, mostrando com isso, uma contenção verbal das mais apuradas.

Este não é um trabalho polêmico e muito menos uma tese. É uma leitura a que interessa, sobretudo, Mário Faustino poeta, renovador da linguagem artística através da assimilação dos melho-



res modelos das literaturas portuguesa e brasileira - Camões, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Lima, para só citar alguns - e da utilização, nunca servil, de autores estrangeiros, como Mallarmé, Pound, Eliot ou Cummings, que o impressionaram de maneira positiva.

Como o poeta escolhido foi, também, um crítico cuidadoso e atuante, sendo impossível nele dissociar totalmente os dois aspectos, procurei fazer o estudo de sua poesia sem perder de vista as formulações do crítico. Teoria e praxis, na sua obra, são inseparáveis como as duas faces de uma mesma moeda.

A maneira pessoal e criativa de Mário Faustino usar a linguagem artística, ligada a uma tradição incessantemente renovada, vai aparecendo aos poucos das análises feitas, que mostram, pelo menos assim pretendi, a sua contribuição de jovem poeta para o aperfeiçoamento da mais bela forma de expressão humana.

Escrita há já bastante tempo, a dissertação sofreu modificações várias, decorrentes de leituras posteriores à sua defesa e da reformulação de certos pontos de vista, alguns sugeridos pelos próprios examinadores. Basicamente, porém, permanece a intenção original, bem como a divisão em três partes e uma Conclusão, precedidas desta Introdução e completadas por uma parte antológica (Apêndices) com textos do autor, não constantes do livro *Poesia de Mário Faustino*, e textos sobre o autor e sua obra, escritos por críticos e amigos seus, antes ou depois de sua morte.

Resta uma palavra de esclarecimento sobre a abordagem dos poemas, que não foi feita em uma só linha, variando de acordo com a natureza deles, mas permanecendo principalmente estilística, sem desprezo de outros critérios, sempre que me pareceram mais adequados à revelação dos textos.

A leitura do livro (será que ele vai encontrar leitores?) dirá se foram ou não alcançados os fins pretendidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Walmir. Um depoimento de Mário Faustino: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23/05/1964; *A Província do Pará*, Belém, 5/06/1964.

BACHELARD, Gaston. *La Poétique de la rêverie*. 4^{me} Ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

ENEIDA. Poesia e livros (Encontro Matinal), *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24/ 11/1955. 2^a. seção.

FAUSTINO, Mário. *O homem e sua hora*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955.

——— Concretismo e poesia brasileira, in: *Cinco ensaios sobre poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro, edições GRD (Apresentação de Assis Brasil, Coletânea 2), 1964.

——— O poeta e seu mundo. In: *Cinco...* Rio de Janeiro. Ed. GRD (Apresentação de Assis Brasil, Coletânea 2), 1964.

——— Para que poesia? In: *Cinco...* Rio de Janeiro. Ed. GRD (Apresentação de Assis Brasil, Coletânea 2), 1964.

——— Que é poesia. In: *Cinco...* Rio de Janeiro. Ed. GRD (Apresentação de Assis Brasil, Coletânea 2), 1964.

GRUNEWALD, José Lino. Mário Faustino poeta e crítico. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15/ 12/1962.

MARANHÃO, Haroldo. O Poeta e sua vida. *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário, 9/07/1966.

NUNES, Benedito. O Projeto de Mário Faustino. *Invenção, Revista de Arte de Vanguarda*, 2(3): 20/ 06/1963.

——— *Poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro. Civilização brasileira (Coleção Poesia Hoje, 4, Série Poetas Brasileiros), 1966.

——— Introdução. In: Faustino, Mário. *Poesia-Experiência*. São Paulo, Perspectiva (Coleção Debates, Literatura, 136), 1977.

RICHARD, Jean-Pierre. 1961. *L' Univers imaginaire de Mallarmé*. Paris. Aux. Ed. du Seuil.

RODRIGUES, Nelson, Memórias de Nelson Rodrigues, cap. LVIII. *Correio da Manhã*, 5/05/1967.

SANTANA, Afonso Romano. *Drummond, o guache no tempo*. Rio de Janeiro, Guanabara, Lia. Ed. 1972.

